

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Pires de Azevedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

**DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>84</b>
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013108</b>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>108</b>

## A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM

**Anderson de Almeida Santos**  
**Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez**

### INTRODUÇÃO

São observáveis as regularidades e os conflitos sociais nas materializações dos discursos existentes nos posicionamentos assumidos pelos sujeitos perante dado acontecimento discursivo. Assim, o acontecimento pressupõe a memória histórica, trabalha entre o passado e o futuro, e pensar nesses acontecimentos discursivos é pensar a partir dos processos sócio-históricos e ideológicos que constituem os enunciados.

O embasamento teórico do estudo proposto é a Análise de Discurso (AD) de base francesa, sob o viés Pecheutiano, mediante o posicionamento assumido de casais homoafetivos entre mulheres da página “@doisiguais”, da rede social Instagram, na qual as postagens propagadas possibilitam o circular de novos sentidos sobre casamento e família, em diferentes condições de produção, sendo, as materialidades ali postadas, relevantes para o estudo do discurso.

Por se constituir como elemento heterogêneo, em unidade de sentido,

vinculado à materialização do dizer, o texto remete à atividade discursiva, se constituindo entre a paráfrase e a polissemia, e isso ocorre também na rede social em análise. Nesta perspectiva, duas postagens publicadas na página “@doisiguais” serão analisadas a partir dos efeitos de sentidos que circulam sobre casamento e família, produzidos pela linguagem verbal e imagética, estabelecendo relações interdiscursivas que constituem os posicionamentos de sujeitos homoafetivos, e retomam já-ditos, uma vez que estas postagens funcionam como elementos de discurso.

Apoiando-se na teoria materialista do discurso, a análise partirá de recortes das postagens, pois não seria possível analisar todas as publicações da referida página. Buscará também, estabelecer relação das postagens com as condições de produção, que envolvem a situação discursiva. Porém, sabe-se que estes recortes não encerram os efeitos de sentidos de um texto, tendo em vista que as palavras podem mudar de sentido de acordo com as posições sustentadas por sujeitos que as enunciam, o que indica a pluralidade de sentidos possíveis, devido às transformações sociais, seja no âmbito cultural, econômico, político e religioso.

Assim, essas modificações sociais culminaram, por exemplo, no casamento entre

peças do mesmo sexo, viabilizando novos arranjos familiares, e por conseguinte, novas possíveis criações/transformações semânticas.

A metodologia adotada neste artigo busca a compreensão dos efeitos de sentidos sobre casamento e família, saindo da superfície linguística e chegando ao processo discursivo, de forma a compreender o funcionamento ideológico dos discursos.

## 1 | O DISCURSO COMO LUGAR TEÓRICO

Consoante Pêcheux (2015a), o processo do discurso não deve, evidentemente, ser confundido como ato de fala do sujeito falante individual, mas é constituído por um sujeito interpelado ideologicamente, que ocupa um lugar social, uma posição na esfera discursiva. Um sujeito que integra uma instância social e coletiva, assim, se constitui numa forma-sujeito histórica, deixando de ser considerado como o “eu-consciência mestre do sentido e reconhecido como assujeitado ao discurso” (Pêcheux, 2015a, p. 156). Por isso, fazer Análise de Discurso é compreender o sujeito enquanto ser de discurso é saber que o sentido pode ser outro, que todos os sujeitos são sempre já sujeitos.

Por trabalhar com a não transparência da língua, a AD não considera um sujeito intencional que controla os sentidos, pois compreende que o sentido não existe isolado, sentidos não são fixos, “não são apriorísticos, mas que os mesmos derivam de posições ideológicas dos sujeitos do discurso” (HEINE, 2012, p. 15). Assim, os sentidos estão à deriva, porque o ser humano é histórico, simbólico e social. Isto implica não só naquilo que foi dito, mas como é dito, pois as palavras escolhidas para uma mesma coisa por sujeitos ou em situações diferentes, podem resultar em sentidos outros.

O sujeito na AD não é origem do dizer e da sua voz sempre ecoam um conjunto de outras vozes, que constituem os já-ditos. Por mais que o discurso se repita, também se desloca, porque o sentido pode ser outro. E para a AD, em cada acontecimento, em cada formulação, o sentido pode deslizar, deslocar-se de si mesmo na movência da história e dos processos de identificação dos sujeitos.

Se o que o sujeito diz tem significância, o que não se diz também tem, e muitas vezes, esse silêncio diz mais do que já foi dito, pois, na AD, pensando o sujeito e o sentido, o silêncio é simbólico e histórico.

O silêncio significa (ORLANDI, 2015, p. 81), é a própria condição de produção, é a constituição da linguagem, pois só há linguagem se o silêncio vier antes, ele é fundador, visto que “é necessário, indispensável para que os sentidos se construam.” (HEINE, 2017, p. 14). E por ser fundador, produz sentido, é o silêncio sem o qual nada significaria, em que a relação com o sentido é primordial.

Deste modo, apresenta Orlandi, a política de silenciamento, que se refere ao fato de colocar algo em silêncio, seja através do silêncio local ou do silêncio constitutivo. O silêncio



local é o que não se pode dizer, pois há algo que impede que se diga, é o dizível que não pode ser produzido, é o não dizer gerado por uma censura. Já o silêncio da tomada de posição ideológica, o silêncio constitutivo, este é incontornável, pois para se dizer uma coisa não se pode dizer outra, assim, se diz algo mas não se diz outra coisa, sempre há um não dizer que atravessa o dito.

Desse modo, há diferença entre o silêncio fundador e a política de silêncio, em que a política de silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo.

Assim,

isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as pessoas. (ORLANDI, 2007, p. 24)

A AD procura compreender os “traços languageiros discursivos, que formam uma memória sócio-histórica” (PÊCHEUX, 2015a, p. 146), em outras palavras, o pesquisador analisa o discurso em “uma materialidade histórica sempre já dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como produtores livres” (PÊCHEUX, 2015a, p. 156). Portanto, este dispositivo teórico não considera o discurso só como transmissão de informação, mas como “efeitos de sentidos” (PÊCHEUX 1997, p. 82), que envolvem posições-sujeito.

O discurso funciona na relação entre a língua e a ideologia, ao passo que esta última tem nele a sua materialidade específica, resultando daí o efeito discursivo, que segundo Pêcheux, (2015a, p. 136) “representa no interior do funcionamento da língua os efeitos da luta ideológica, e inversamente, ele manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia”

A ideologia constitui, ao mesmo tempo, o sujeito e o sentido, ela é a representação da relação imaginária dos sujeitos com suas condições reais de existência, dado que a ideologia tem existência material. Em concordância com Orlandi (2015, p. 44), postula-se que a ideologia “é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

O analista de discurso considera a linguagem em relação à sua exterioridade, pois o sujeito ao enunciar se inscreve em um dado discurso, uma vez que Pêcheux diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 2015, p. 15).

Atualmente, a Análise de Discurso é uma área constituída e difundida nas teorias que se apropriam da linguagem, e esses estudos têm importância tanto no campo acadêmico, como no campo social. Por isso, as pesquisas desenvolvidas com base nessa teoria se desenvolvem em diferentes corpora, em que os estudos da linguagem em funcionamento são:

os escritos, as imagens os ditos, as novas tecnologias, fotos, o silêncio e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição para a compreensão dos processos de significação. (ORLANDI, 2015a, p. 19).

### Como afirma Pêcheux, a materialidade discursiva é:

nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as mentalidades de uma época, mas remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada (PÊCHEUX, 2015a, p. 151)

Deste modo, as materialidades discursivas deste estudo foram retiradas das postagens da página “@doisiguais”, da rede social Instagram. Essa mídia traz temas pertinentes da comunidade LGBT, além de ser suporte para o ativismo digital, e como resultado, proporcionar representatividade aos casais homoafetivos e seus seguidores.

Segundo Gregolin (2007), o estudo da AD e a reflexão sobre as mídias são campos complementares, em que ambos trabalham as produções de sentidos, portanto, as duas postagens da referida página são o corpus desse artigo, são compostas por linguagem verbal e não verbal, e serão consideradas ambas linguagens para análise. Assim, para Pêcheux o corpus é um

sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas. Em suma, um corpus de arquivo textual não é um banco de dados. (PÊCHEUX, 2015a, p. 165)

Portanto, as postagens desta rede social, Instagram, perpassam processos de produção do discurso: a constituição, a formulação e, a circulação. Para Orlandi (2012), a constituição ocorre a partir da memória do dizer, que neste corpus faz ecoar os sentidos da memória metálica, a memória da tecnologia, mas também da memória histórica; a formulação, as condições de produção. Encontramos na referida rede esses processos de produção do discurso, por sujeitos homoafetivos, ocupando posições diversas na esfera discursiva, interpelados pela ideologia que se materializa na linguagem, em dada condição de produção.

A Análise de Discurso de linha francesa, vertente Pecheutiana, surge nos anos 60, tendo por objeto de estudo, o próprio discurso. Para Orlandi (20015a, p. 19), a AD “trabalha com, trabalha a abertura do simbólico (grifo da autora)”. Deste modo, Pêcheux ao criar a AD utilizou as ideias expostas por Althusser para evidenciar o caráter discursivo e prático da ideologia, com o objetivo de entender como a ideologia se define e como funciona, a sua ligação com os processos discursivos e o inconsciente, construindo “interpretações sem jamais neutralizá-las” (PÊCHEUX, 2015a, p. 294).

A AD é perpassada por fases. Na primeira fase, AD1, Pêcheux defende a tese Análise Automática do Discurso, livro que inaugura essa teoria. “A máquina discursiva” era um sistema fechado, de maneira que as condições de produção do discurso fossem bem delimitadas. Portanto, inicialmente, Pêcheux, busca analisar discursos políticos,

estabilizados, realizando análises automáticas do discurso tomado pela repetição de palavra. Porém, posteriormente, em seus estudos, o filósofo começa analisar a subjetividade na noção de língua e do materialismo histórico nos discursos, e dessa forma estabelece dialogo com a ideologia.

A segunda fase, AD2, é constituída pela noção de formação discursiva (FD) que foi proveniente de Foucault. Pêcheux define formação discursiva como:

aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, FUCHS, 1995, p 160).

Mas há outra característica das Fds: elas não são um espaço fechado, homogêneo, mas, ao contrário são invadidas e constituídas pela heterogeneidade, e, como diz Pêcheux, as formações discursivas sempre são constituídas a partir de outras formações discursivas.

E na terceira fase, AD3, há a presença da Psicanálise, tendo como pilar o inconsciente. Assim, Pêcheux, abandonou a “máquina discursiva” e questionou-se sobre formação discursiva, e sobre a memória discursiva conceitos que ganham espaço e passam a ser basilares para as reflexões da Análise de discurso.

Portanto, a língua é compreendida como “possibilitadora dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas” (PÊCHEUX, 2015a, p. 102), na qual o discurso funciona e a ideologia se materializa, eis o efeito discursivo definido por Pêcheux:

(...) efeito discursivo, enquanto ponto de contato entre linguístico e o ideológico: o discursivo representa no interior do funcionamento da língua os efeitos da luta ideológica, e inversamente, ele manifesta a existência da materialidade linguística no interior da ideologia. (PÊCHEUX, 2015a, p. 136).

A AD ao considerar o discurso como heterogêneo, indica que ele sempre se remete a outros, mas “retomar não é repetir. Repetir não é produzir.” (PÊCHEUX, 2015a, p. 14). Em outras palavras, na AD, não é só dizer o mesmo, ao retomar podemos produzir movimento, o que vai além de reproduzir.

Nesse caso, o discurso é enunciado em determinada condição de produção, o que possibilita que podemos ter o mesmo discurso enunciado em vários momentos históricos, no entanto, produzindo sentidos outros, a depender da posição do sujeito na luta de classe, em que este enunciado poderá trazer formações discursivas distintas.

Entende-se, que as condições de produção não são só o “contexto imediato” (ORLANDI, 2015, p. 28), mas tudo aquilo que está exterior ao texto, o entorno histórico que designa o lugar social ocupado pelo sujeito no momento de interação, e este lugar pode ser o aqui e o agora do dizer, ou até mesmo o contexto sócio-histórico e ideológico. Portanto, observar as condições de produção é considerar o sujeito, a situação, a memória discursiva ou interdiscurso.

O interdiscurso é o já-dito que produz efeito no discurso, é a condição do dizível, porque sob nossas palavras sempre há outras palavras, sobre o discurso sempre há

dizeres outros que ecoam gerando sentidos, a dimensão do discurso é heterogênea

porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2015a, p. 158).

Assim, o interdiscurso é irrepresentável, pois não dá para apresentar tudo o que já foi dito, isto é, ele não é totalmente recuperável pelo sujeito, tampouco o sujeito tem controle sobre essa relação do interdiscurso com o intradiscurso mas essa relação é constitutiva do dizer.

A dimensão histórica que constitui os enunciados se dá a partir da memória discursiva, que nos possibilita fazer uma retomada do conjunto de outros dizeres, produzindo outros efeitos de sentidos. Portanto, a memória discursiva é materializada através de resgates e deslocamentos estabelecidos em diferentes condições de produção, operados no decorrer da história.

Nesse sentido, a memória é articulada em diversos campos, por diferentes sujeitos sociais, indicando a movência dos sentidos no contexto sócio-histórico. Assim, ela está ligada a uma formação discursiva, estabelecendo as fronteiras entre o que pode ou não ser dito em determinada conjuntura, pois a memória não é saturada como o interdiscurso que carrega todos os dizeres, mas é constituída a partir das possibilidades do dizer de uma FD.

Deste modo, a memória abordada pela Análise de Discurso não é a memória individual, biológica, ligada ao cérebro. Mas, “a memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história.” (COURTINE, 2006), da qual o sujeito, em suas práticas discursivas, não domina e é atravessada pelo inconsciente, marcada pelo equívoco e deslizamentos.

Vale salientar que alguns teóricos afirmam que a memória discursiva e interdiscurso não podem ser confundidos, pois

a memória discursiva como o interdiscurso dizem respeito a uma memória coletiva, social, mas não se superpõem, não se confundem. A memória discursiva está circunscrita a uma FD específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as FD que compõem o complexo com dominante. (INDURSKY, 2011)

Assim sendo, memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir de uma contingência histórica específica, sendo atualizada ou retomada de acordo com o processo discursivo, é algo que fala antes em outro lugar. Não se trata de lembranças individuais e/ou particulares, mas de uma instância coletiva e social, que produz as condições necessárias para que ocorra o funcionamento discursivo, a tomada e retomada dos sentidos, a produção e a interpretação dos textos.

## 2 | MERGULHANDO NA ANÁLISE

A sociedade contemporânea está imersa no campo das mídias digitais eletrônicas de massa, em que podem ser encontradas diversidade de informações, serviços e entretenimentos, como também, espaços de atos políticos na luta por direitos. Assim, esse espaço digital não é considerado como o físico, e sim, conforme Lévy (1999), um ciberespaço com conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamentos e valores.

Deste modo, o Instagram é mais um suporte textual, presente nas diversas mídias eletrônicas digitais, e para a AD, uma fonte de materialidades discursivas verbais e imagéticas, em que é possível observar a ideologia a que os sujeitos se filiam. Considera-se, portanto, a imagem como, segundo Pêcheux (2015c,) um operador de memória, e por resultado: discurso, opaco e atravessado por dizeres históricos e construído pela memória. Portanto, a imagem se constitui em

um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui no efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. Na transparência de sua compreensão, a imagem mostraria como ela se lê, quer dizer, como ela funciona enquanto diagrama, esquema ou trajeto enumerativo. (PÊCHEUX, 2015b, p. 45)

Assim,

O poder da imagem é o de possibilitar o retorno de temas e figuras do passado, colocá-los insistentemente na atualidade, provocar sua emergência na memória do presente. A imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (...) a sua colocação em discurso vem clivada de pegadas de outros discursos. (GREGOLIN, 2000, p. 22)

A análise seguirá o procedimento sugerido por Orlandi (2015): sair da superfície linguística em direção ao processo discursivo, momento em que caminhamos do texto ao discurso, mostrando que o que foi dito poderia ser dito de outra forma, de modo que o que se diz sobre casamento e família, não se enuncia apenas daquele modo.

Logo de início, é preciso chamar atenção para o nome da página do Instagram de onde essa materialidade foi retirada: @doisiguais. Tal denominação já indica a necessidade de se afirmar a existência de amor entre duas mulheres, reivindicando um espaço de visibilidade há muito negado para os casais homossexuais. Tal nomeação não é aleatória, mas antes de tudo indica a posição do sujeito enunciador no discurso (neste caso, o sujeito que fez a postagem): ele fala a partir de uma formação discursiva que permite dizer que existe amor homoafetivo, que gera por resultado, novos sentidos para casamentos, e novas formas e sentidos de família.

Observemos, a seguir, as materialidades.



Figura – 01: Casamento antes das eleições de 2018

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BrT4frBgPTd/>

Para Pêcheux (2015c, p. 16) o acontecimento é um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, que se caracteriza pela opacidade, o que demanda interpretação. Portanto, ao analisarmos o enunciado: “Não foi premeditado, mas nos casamos 2 dias antes de acontecer o 2º turno das eleições”, em que o cenário político do Brasil estava dividido entre esquerda e direita, ao retroceder e progredir, inclusive nos direitos aos LGTB’s, em que candidatos tinham ideais totalmente opostos para a sociedade, o acontecimento é inscrito no contexto da atualidade, pois o fato novo é duas mulheres se casando, constituindo família, mas que retoma pela memória o sentido de casamento e família, possibilitando, devido ao acontecimento, novos sentidos inscritos nos já-ditos.

Na imagem da figura 1, vemos um casal homoafetivo, e ambas com roupas que remetem à cerimônia religiosa do casamento: duas mulheres, com vestido de noiva, segurando o buquê nas mãos.

Como já foi explicitado na parte teórica, o sentido não existe à priori e, neste caso, o sentido de casamento varia e desliza, inserindo-se na ideologia homoafetiva. O cenário da festa de casamento ativa, a partir, da memória discursiva o cenário do casamento heterossexual: as flores do cenário, o bolo, o buquê, a posição da fotografia, e toda decoração.

Como se pode ver, tanto a parte verbal como a imagética contribuem para geração de sentidos sobre o casamento. No caso da imagem, o casamento se refere à união entre as duas mulheres, fugindo, portanto da ideia tradicional, trazendo o outro sentido: o casamento de dois iguais. Esse dizer insere-se na formação discursiva que considera que a união entre dois iguais é algo natural e não algo a ser combatido, como dita a formação discursiva patriarcal, a ideologia dominante, em que a união homoafetiva passa a ser



criminalizada ou considerada indesejável.

É pela história que sentidos tradicionais que regem o casamento heteroafetivo são retomados, mas também é pela história que novos sentidos se instauram, porque a ideologia é um ritual com falhas e a língua exposta ao equivoco.

A estrutura da imagem provoca e permite que a memória história seja acessada numa busca por detalhes clássicos: o anel, o buquê, o véu, grinalda, e o vestido de noiva. A imagem funciona na memória pelo silêncio, pela desidentificação dos sujeitos com o discurso patriarcal. Existe, portanto uma cisão, uma lacuna preenchida por elementos historicamente conhecidos e sustentados através do interdiscurso.

Na parte verbal, há então, a partir da posição do sujeito que fala, o sentido de casamento. Este aparece, principalmente, no trecho: “Não foi premeditado, mas nos casamos 2 dias antes de acontecer o 2º turno das eleições.”, segundo o que consta na descrição da figura 1.

Neste caso, então a ideia de casamento deslocada do discurso patriarcal, está relacionada à construção de uma vida juntos, ou seja, o casamento entre dois iguais é compartilhar vidas e construir coisas juntos, uma vez que “o amor é maravilhoso”. Tais elementos retomam do interdiscurso os sentidos de casamento da ideologia dominante. A ruptura se dá com o casal constituído por duas mulheres.

É sabido, no entanto, que o casamento representa significantes distintos de acordo com a vivência de sujeito para sujeito de acordo a sua posição em determinada condição de produção, marcada sócio-historicamente pela ideologia e pelo inconsciente. A formalização de um vínculo afetivo produz efeitos diversos ao casal e à vida deste.

O direito da oficialização da união de duas mulheres produz, assim, sentidos antagônicos da união tradicional entre homem e mulher.



Figura – 02: A família

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B2IXPajlHuB/>

No relato utilizado como legenda para a foto, resumidamente descreve-se o namoro à distância até o esperado dia do casamento, totalizando 09 anos juntas. Ao analisar o enunciado proferido pelo sujeito: “Hoje somos uma família normal, sem rótulos”, há aí a ampliação da noção de família, num movimento do sujeito do discurso que rompe com a formação discursiva patriarcal, da ideologia dominante, em que a família era considerada apenas aquela composta por um homem, uma mulher e filhos. E, ainda nesse mesmo enunciado, temos a contradição constitutiva do sujeito: o sujeito imagina-se livre para produzir seu próprio discurso, porém se apóia em já-ditos para produzir sentidos, ou seja, o que o sujeito diz é sempre determinado pela relação com a exterioridade do seu dizer.

Os efeitos de sentido presentes na palavra “família” são resultados das relações ideológicas que perpassam os sujeitos e que, através da materialidade do discurso, encontram-se expostos ao equívoco da língua, podendo deslizar e se tornar outros.

O sentido de casamento passa também pela retomada de elementos da memória discursiva desta formação discursiva: o buquê da noiva no casamento heterossexual, o cenário da festa, o bolo e o topo decorativo, que nos remetem a ideologia dominante, a formação familiar entre um homem e uma mulher, as vestimentas do casal, uma de vestido de noiva, e a outra com roupa estilo terno utilizado pelos noivos, as flores e convidados.

Pensar o formato de família pode influenciar na produção de sentidos por parte do sujeito discursivo homoafetivo e retomar elementos históricos, ideológicos e sociais, é um processo que envolve a produção de discurso, pois este corpus está carregado de significados. A memória funciona pois pela repetição do sentido do casamento heterossexual no cenário e na festa, mas faz deslocar o sentido de família.

Assim, essa materialidade discursiva imagética nos leva à memória sobre o que é família. A família que agora se baseia mais no afeto e no amor. Em suma, os valores sociais sofreram alterações, assim como as formações discursivas, ou seja, aquilo que hoje se permite dizer em uma dada conjuntura só é possível assim ser constituído, porque houve essa mudança que criou necessidades específicas.

Por causa do silenciamento da comunidade LGBT em momentos históricos anteriores, a condição de produção atual possibilita novas formações discursivas desses sujeitos mulheres filiados a uma ideologia que as distanciam da formação discursiva dominante. E por conta disso, os homoafetivos assumem essa nova formação familiar composta por dois iguais. Assim, podemos dizer que o que está posto e até mesmo o que não está, significa no discurso.

Cabe analisar a *hashtag* “#lesbicas”, presente nas duas materialidades discursivas, pois são elementos textuais das condições de produção dos textos digitais, sobretudo do Instagram. Assim, Fontana (2016, online) diz que as *hashtags* operam como interpretação de releitura que projeta um modo de dizer por meio de uma etiqueta de indexação.

Deste modo, a *hashtag* “#lesbicas” traz uma memória discursiva que retoma a relação homoafetiva entre mulheres em diversas práticas discursivas, principalmente, nas mídias digitais e, no estudo em questão, no Instagram. A *hashtag* também traz diversas formações discursivas, com as quais os sujeitos podem se identificar ou não, a depender de suas posições na luta de classes sociais e das formações ideológicas às quais se filiam.

Esta *hashtag*, nesta materialidade discursiva analisada, relaciona-se a movimento político-social, como uma ferramenta de luta, de resistência, de visibilidade do grupo LGBT silenciado pela ideologia dominante, que é a ideologia patriarcal, em que o modelo de família e casamento é, portanto, heterossexual, pois

o modelo tradicional de família estrutura-se sobre valores patriarcais – o pai, provedor e autoridade máxima; a mãe, dona do lar, submissa ao marido e cuidadora dos filhos. Esse modelo é institucionalizado pelo Direito Civil e fortalecido pelo discurso religioso. (SOUZA, p. 123, 2018)

Assim sendo, a *hashtag* possibilita gerar novos sentidos sobre ser lésbica, devido aos acontecimentos passados, ressignificando já-ditos, o que indica sentidos outros, determinados pelo interdiscurso, no funcionamento de uma memória discursiva que remete aos dizeres das mulheres que têm relações homoafetivas.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Instagram é utilizado como ambiente virtual em que os sujeitos se relacionam remetendo as questões exteriores do virtual, presentes na realidade, em que o público LGBT ganha espaço e passa a ter visibilidade. Especificamente a página “@doisiguais”, escolhida para este estudo, constitui-se como espaço que faz circular ideologias e, também, como articulação desses sujeitos antes silenciados, principalmente, pelas ideologias dominantes, o que demonstra o discurso de resistência e não aceitação em relação ao fato de serem representados pelos grupos dominantes. Notam-se as formações discursivas diferentes e as diversas posições que os sujeitos ocupam no momento da enunciação, que representam na linguagem um recorte da formação ideológica.

Assim, muito já se disse sobre família, esse termo já apareceu em diferentes falas, em diferentes condições de produção, por diferentes sujeitos, com sentidos outros. Porém, os sujeitos não controlam os sentidos do dizer e, por isso, o sentido de família pode sempre ser outro, deslizando para outras zonas e culminando na polissemia. No entanto, o sujeito ao enunciar tem a impressão de ser a origem do dizer, como se o sentido fosse transparente e não fosse afetado pela história.

É notório que o trabalho de pesquisa não se esgota, pois há possibilidades de novos olhares. Por isso, o propósito deste artigo foi problematizar as postagens da página “@doisiguais”, analisando os sentidos produzidos e veiculados por elas, sobre casamento e família, a fim de compreender o funcionamento do sentido e sua historicidade, na tentativa

de esclarecer as relações das formações discursivas com as formações ideológicas que as regulam, chegando ao processo discursivo.

Portanto, as materialidades discursivas fornecem aos sujeitos possibilidades de contraidentificação ou de desidentificação com a formação discursiva dominante em condições de produção diversas, pois pelo funcionamento da memória discursiva, os sujeitos se identificam com alguns sentidos e não com outros, através dos gestos de interpretação diversos o que faz variar o sentido das palavras, expressões e proposições. Deste modo, o presente estudo poderá contribuir para pensar a língua e suas práticas linguageiras sem dissociá-las dos contextos socioculturais e discursivos.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, J. **O Tecido da Memória**: Algumas Perspectivas de Trabalho Histórico nas Ciências da Linguagem. Vol. 12, nº 2. Cuiabá: EdUFMT, p. 1-13, 2006.

FONTANA, Mónica G. Zoppi. **Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer**. [Apresentação em Power point]. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: <[http://octeventos.com/site/sediar/download/argu\(meme\)ntando.pdf](http://octeventos.com/site/sediar/download/argu(meme)ntando.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org). “Recitações de mitos: a História na lente da mídia”. In: **Filigramas do discurso: as vozes da História**. Araraquara, FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo, Cultura Acadêmica Editora, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção das identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo: ESPM, Vol. 4, nº 11, 2007.

HEINE, Palmira. **Tramas e temas em análise de discurso**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

HEINE. **Discurso em materialidades diversas**. Curitiba: CRV. 2017. p. 11-25.

INDURSKY, Freda. Discurso, língua e ensino; especificidades e interfaces. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; CHIARETTI, Paula (org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI. **Discurso e texto**. São Paulo: Pontes, 2012.

ORLANDI. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por EniPulcinelli Orlandi, LorençoChacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995. P. 188.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, C. “**A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas**” (1975). In: GADET & HAK (org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à

Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 1997, p. 163 -252.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Pontes Editora: Campinas – SP, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (org.). **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015b.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi, Campinas, São Paulo: Pontes, 2015c.

SOUZA, Iracema Luiza de. Discursivizações do conceito de família na contemporaneidade. In. HEINE, Lícia Bahia. et al. **Inquietações do texto e do discurso**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 113 – 127.

# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020